



DISCURSOS PEDAGÓGICOS NEOLIBERAIS E AS ARTES DE GOVERNAR EM UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOCENTE DE BIOLOGIA

Autores. Magno Clery da Palma-Santos. Marlécio Maknamara. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, Brasil - msantos@uesb.edu.br. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, Brasil – maknamaravilhas@gmail.com

Eixo temático 9.

Modalidade 1. Educação universitária

Resumo. O Pibid é um programa que objetivou o incentivo a formação de professores/as e a valorização do magistério. É impulsionado por processos de subjetivação, como uma forma de governo que guia e controla o que os indivíduos devem fazer. O objetivo do artigo foi problematizar as práticas discursivas que o Pibid coloca em movimento para subjetivar supervisores/as e ser reconhecido como programa formador. As entrevistas narrativas demonstraram as estratégias do programa, para investir na produção de subjetividades formativas. O governo pibidiano na produção de subjetividades concorre com o curso de licenciatura em Biologia e evidencia os propósitos do Pibid, com modelos de docentes que sirvam a outros que estão trilhando a caminhada formativa na graduação.

Palavras-chave: Discursos. Governo. Formação. Neoliberalismo.

Introdução

Este texto é orientado pela conceituação foucaultiana sobre discursos como produtores de sujeitos, e como prática social é constituidor da realidade. As práticas discursivas têm o papel de formar tipos de sujeitos que irão fazer parte do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), em uma trama de relações de poder. Devido a isso, questionamos quais modelos de supervisores/as são fabricados/as pelos discursos que o Pibid opera e que possibilitaram as suas condições de aparecimento e continuidade na formação docente? Questionamento que inspira o objetivo de problematizar as práticas discursivas que o Pibid coloca em movimento para subjetivar supervisores/as e ser reconhecido como programa formador. Argumentamos que os modos de ser supervisor/a no Pibid são colocados em prática pelos discursos formativos e neoliberais, como forma do programa governar a vida de supervisores/as, e se estabelecer como programa formador.

Referencial teórico

O Pibid é um programa do Estado que, entre outros, objetivou o incentivo a formação de professores/as e a valorização do magistério (EDITAL MEC/CAPEF/FNDE, 2007), discursos que deram luz ao Pibid, e que permitiram o seu registro nas políticas de preparação dos sujeitos para o mercado de trabalho. A relação Estado/mercado de trabalho, como impulsionadora do Pibid, destaca na análise as perspectivas formativas, liberais e neoliberais como estratégias que demandam supervisores/as próprios à manutenção do programa. Demandas produzidas pelos processos de subjetivação, os quais trabalham para constituir sujeitos (Foucault, 2006), como uma forma de *governo que guia e controla* o que os indivíduos devem fazer e do que eles têm interesse em desenvolver. (Foucault, 2008a).

A noção de governo neste trabalho é tributária da perspectiva foucaultiana de poder, “analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

(Foucault, 2015b, p. 284). O governo é uma forma de poder, relacionada à condução e, especificamente neste trabalho, a ação é relacionada com o poder pastoral, o que faz seguir um caminho em direção ao bem-fazer, ao cuidado (Foucault, 2008a) e, agindo como um pastor, o Pibid é visto como aquele que faz o bem para os sujeitos e subjetiva-os. A preeminência desse tipo de governo pode ocorrer por meio da governamentalidade, neologismo que une governo (práticas) e as mentalidades que sustentam tais práticas (Fimyar, 2008). A governamentalidade é entendida como uma linha de força que opera “como o esforço para criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas para controlar, normalizar e moldar a conduta das pessoas” (Fimyar, 2008, p. 5).

Metodologia

Para problematizar a funcionalidade do governo pibidiano é preciso que alguém verbalize, “[...] que um sujeito situado em uma posição histórica, numa determinada época, *faie* (Martins, 2018, p. 90, grifo da autora)” alguma coisa sobre o Pibid. O que foi possível com as entrevistas narrativas individuais, compartilhadas com um supervisor e duas supervisoras do subprojeto de Biologia da UESB no *campus* de Vitória da Conquista-BA. A análise foi feita pela análise do discurso de inspiração foucaultiana, em que consideramos que as coisas são historicamente ditas, o discurso entendido como prática, “a materialidade dos enunciados, e [...] a luta travada na e pela constituição de sujeitos – sujeitos de determinadas verdades ou discursos” (Fischer, 2013, p. 125).

Resultados e discussão

A estratégia inicial de governo é se inscrever num discurso da melhoria da formação docente, ativando enunciados, como aquilo que mesmo desconhecido é interessante participar, um programa legal, o projeto que faltava para a prática docente. O que demandou os seguintes posicionamentos: “[...] *tem um negócio aqui do Pibid. Pibid? O que é que é isso? É do negócio lá que você precisa fazer a seleção*”. (Gabriella, entrevista narrativa, 2019); “[...] *que programa legal é esse, [...] você vai acompanhá-los e nesse processo você ganha bolsas*”. (Celina, entrevista narrativa, 2019); “[...] *isso é o que a gente queria pra escola*”. (Pedro Lucas, entrevista narrativa, 2019).

Sob a ótica do poder pastoral, os discursos relacionados a ele demandam, mesmo sem fazer parte, professores/as que se encantam com a proposta. Estar encantado e buscar fazer parte são premissas iniciais para a constituição do grupo pibidiano de supervisores/as, onde é possível “fazer seguir um caminho” (Foucault, 2008a, p. 162). Assim, é preciso moldar as formas de lidar no Pibid, sendo que atuar como coorientadores/as faz parte de um potente modo de controle e invenção do sujeito. O bem-fazer pibidiano é um caminho para estarem em uma escala profissional acima do que vinham ocupando, como as materializações demonstram. “*Eu sempre associo isso ao Pibid, não sei se faria a seleção para o mestrado sem estar no Pibid*”. (Gabriella, entrevista narrativa, 2019); “*Se eu não tivesse participado do Pibid eu ficaria muito tímida em fazer a seleção do mestrado*”. (Celina, entrevista narrativa, 2019); “[...] *olhando para o meu lado, uma grande oportunidade de estar em contato [...] com a universidade o maior centro de produção do saber*”. (Pedro Lucas, entrevista narrativa, 2019).

Os posicionamentos que supervisores/as assumem favorecem à intermediação entre professores/as e as suas vontades, com um “pastor que está a serviço do rebanho” (Foucault, 2008a, p. 171). Para isso, é preciso que os discursos no Pibid demandem dos sujeitos a realização de seleção para cursos de pós-graduação *strictu sensu*, e vejam nele a oportunidade para mudanças em sua profissão. O “poder pastoral é um poder de governo” (Ruiz, 2016, p. 17) e, ao mesmo tempo, individualizante, no

sentido de cuidar de cada um para o bem do grupo (Foucault, 2008a), momento que a supervisão entra no jogo da produção para que o programa deva “prestar atenção, ocupar-se e saber de cada indivíduo” (Marín-Díaz, 2012, p. 154).

Nesse sentido, os seguintes posicionamentos são demandados: “[...] O prefixo super, parece que te dá um poder a mais [...] eu acho que o Pibid queria mesmo era que a gente pudesse acompanhar os iniciantes no sentido de direcioná-los”. (Celina, entrevista narrativa, 2019, destaques da professora). “Vou falar de supervisão [...] na produtividade de estar escrevendo” (Gabriella, entrevista narrativa, 2019); “A supervisão representa um amadurecimento no fazer pedagógico, porque a gente está o tempo todo fazendo, [...] sem a supervisão o licenciando ficaria muito solto, ele não teria essa experiência”. (Pedro Lucas, entrevista narrativa, 2019). Possuir super visore/as, que trabalham produzindo textos, e que procurem o amadurecimento no fazer pedagógico em seu grupo, é bem propício para o fortalecimento do Pibid em apagar outras subjetividades, que não sejam aquelas produzidas pelos discursos que ele utiliza.

Na supervisão que caracterizamos como um “método que permite conduzi-los” (Foucault, 2008a, p. 255), são fabricados sujeitos que vigiam e controlam outros bolsistas. Nesse contexto, ele instaura o seu regime de verdades e enfatiza os tipos de discursos que serão acionados e que faz funcionar como verdadeiros, dando visibilidade às práticas relacionadas com as políticas do Estado. Nestas, a liberdade e o mercado ampliam os processos de condução, entrando em cena o discurso neoliberal em que “somente um Estado que estabeleça ao mesmo tempo a liberdade e a responsabilidade dos cidadãos pode legitimamente falar em nome do povo” (Foucault, 2008b, p. 112). Por isso, é preciso agir pela produção da liberdade e não pela soberania, pelo ato de coagir, mas garantir a liberdade e, principalmente, econômica.

Nesse contexto, anunciar que o sujeito é livre não deve ser o objetivo, as práticas devem moldar sujeitos a partir da suposta liberdade: “vou produzir o necessário para tornar você livre (Foucault, 2008b, p. 86-87)”. Nesse jogo da liberdade no campo formativo, são visualizados modos de ser supervisor/a: “De certa forma, eu fiz algo além do que o Pibid pedia. Teve um momento que eu fui convidada para uma mesa, foi um seminário de avaliação do Pibid”. (Celina, entrevista narrativa, 2019); “A sua pergunta me fez recordar de estar sempre escrevendo (relatórios, resumos), [...] Foi uma coisa que eu poderia ter deixado de fazer e não teria nenhuma consequência negativa”. (Gabriella, entrevista narrativa, 2019); “[...] Para além do planejamento, acredito que foi a minha experiência dentro da sala de aula, e o que eu pretendo fazer para além do que o Pibid pedia, é a construção de ideias, a forma de trabalhar, trazer coisas novas para o ambiente escolar”. (Pedro Lucas, entrevista narrativa, 2019).

Na nova governamentalidade nomeada como “liberal” o Pibid atua como produtor e organizador da liberdade e, ainda que houvesse um planejamento para propor atividades, os sujeitos seriam livres para ampliá-las. São práticas, mentalidades que sustentam o exercício dessas práticas (Fimyar, 2008) na governamentalidade que tem por alvo a população pibidiana. Fazer algo a mais os demanda como supervisores/as modelos, que servem “de exemplo para as novas gerações, subsidiando, assim, a identificação dos mais novos com determinados modos de vida virtuosos, afinados a uma existência salutar, benfazeja e, sobretudo, responsável (Aquino, 2013, p. 204, grifos do autor)”. A suposta liberdade potencializa a eficiência do governo, uma vez que ocorre a adesão voluntária dos seus governados às suas metas (Ruiz, 2016).

Os modelos de supervisores/as fabricados nos discursos que o Pibid põe em funcionamento, favorece à modernização do exercício do poder pastoral ao ser realizado “segundo o modelo da economia” (Foucault, 2015, p. 414), da preparação para o mercado de trabalho. Ora, quando o programa fabrica supervisores/as que sirvam de espelho, quando são demandados/as à Pós-Graduação, ao movimento, sair da imobilização, ele se estrutura como o formador e preparador na iniciação à docência.

É algo necessário para fazer funcionar a concorrência entre sujeitos nas escolas e na graduação, como modo de regular as escolhas. Isso inscreve as suas práticas na perspectiva estadunidense, em que o liberalismo “É um tipo de relação entre governantes e governados (Foucault, 2008b, p. 301)”.

Com isso, podemos visualizar a subjetivação nas seguintes narrativas: “E o Pibid tem alguma relação com o mercado, como eu disse é um programa de bolsas de iniciação à docência, então, é sim formar para o trabalho” (Celina, entrevista narrativa, 2019); “[...] pensando no Pibid a frase não seja tão pesada, a gente está preparando para eles lidarem com situações que vão acontecer na profissão, porque, mesmo sem saber se vai acontecer, você já pode dar uma certa ajuda” (Gabriella, entrevista narrativa, 2019); “[...] no Pibid o bolsista está se preparando para o mercado que ele vai atuar, então nesse ponto acho que a frase é coerente (a formação deve ser para o mercado de trabalho)”. (Pedro Lucas, entrevista narrativa, 2019). Ser visto como aquele que prepara para o mercado pode ser comparado a uma fonte energética para o governo mínimo, ou seja, sendo reconhecido, não é preciso tanto esforço para governar. Os sujeitos são demandados com esta perspectiva, e farão com que as atividades satisfaçam às práticas discursivas relacionadas ao Pibid. Um incremento aos seus objetivos pelo acionamento dos discursos liberais e neoliberais e que tem efeitos na contemporaneidade. Consequentemente, ocorre a produção da mão de obra e cerceamento de outras subjetividades oriundas da licenciatura e, especificamente, do estágio.

Conclusões

A análise foi feita a partir de outro modo de problematizar o programa sem descaracterizar ou provocar deméritos a outras formas de investigação. Esta pesquisa demonstrou que para ser reconhecido na disputa pelo campo formativo, o poder pastoral funcionou como uma positividade e teve efeitos para a reverberação das verdades e produção de supervisores/as do tipo que precisa de uma virada profissional; que cuidam dos sujeitos em formação; supervisores/as modelos, ativos, eficientes, que atendam às políticas de Estado para o concorrente mercado de trabalho. Nesse sentido, o governo pibidiano na produção de subjetividades concorre com o curso de licenciatura em Biologia e evidencia os propósitos do programa de bolsas, com modelos de docentes que sirvam a outros que estão trilhando a caminhada formativa na graduação.

Referências

- Aquino, J. G. (2013, maio/ago). Pedagogização do pedagógico: sobre o jogo do *expert* no governmentamento docente. *Educação* (Porto Alegre, impresso), 36(2), 201-209. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12941/9451>.
- Edital mec/capes/fnde de 12 de Dezembro de 2007. Seleção pública de propostas de projetos de iniciação à docência voltados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_PIBID.pdf.
- Fimyar, O. (2008) Using Governmentality as a Conceptual Tool in Education Policy Research. *Educate*~. Special Issue, march 2008, p. 3-18. Disponível em <http://www.educatejournal.org/index.php/educate/article/view/143/157>
- Fischer, R. M. B. (2013). Foucault. In: Oliveira, L. A. (Org.), *Estudos do discurso: perspectivas teóricas* (pp. 123-151). São Paulo: Parábola Editorial.



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

-
- Foucault, M. (2006). O Retomo da Moral. Ética, sexualidade, política. In: Motta, M. B. (Org.), *Ditos e escritos V* (pp. 252 – 264) (E. MONTEIRO, I. DOURADO, Trad.), (2nd ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. Disponível em <https://kupdf.com/downloadFile/5990d538dc0d60b912300d1a>.
- Foucault, M. (2008a). *Segurança, Território, População* (pp. 155-180), Curso dado no Collège de France, 1977-1978 (E. Brandão, Trad.) (C. Berliner, Ed. rev.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). *Nascimento da Biopolítica* (pp. 71-102), Curso dado no Collège de France, 1977-1978 (E. Brandão, Trad.) (C. Berliner, Ed. ver.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2015). A governamentalidade. In: Foucault, M. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. *Microfísica do Poder* (pp. 407-431), (3rd ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2015b). *Microfísica do Poder* (3rd ed.), Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Marín-díaz, D. L. (2012). Práticas de governo: entre poder pastoral e poder político. In: Marín-díaz, D. L. *Autoajuda e educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas*. (Tese Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).
- Martins, W. A. (2018). *Práticas de objetivação e subjetivação docente: estratégias de saber-poder no contexto do Pibid*. (Tese Doutorado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP).
- Ruiz, C. B. (2016). O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno. *Cadernos IHU ideias*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – (1), disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/241cadernosihuideias.pdf>.